

Shedd
publicações

RICHARD OWEN ROBERTS

A photograph of a man in a white t-shirt and dark pants climbing a large wooden cross in a cemetery. The scene is set at sunset, with a bright sun low on the horizon, creating a silhouette effect on the man and the crosses. Other crosses are visible in the background.

ARREPENDIMENTO

a primeira palavra do Evangelho

Sumário

Prefácio	7
Carta ao leitor	11
Introdução	17
1. Arrependimento: a primeira palavra do Evangelho	25
2. O arrependimento no Antigo Testamento	43
3. O arrependimento no Novo Testamento	63
4. Sete mitos sobre o arrependimento	83
5. Sete princípios do arrependimento.....	103
6. Sete características do arrependimento.....	131
7. Sete razões para o arrependimento	151
8. O arrependimento e as bênçãos que o acompanham	169
9. Os sete frutos do arrependimento	197
10. Os sete modelos de arrependimento	213
11. Os sete perigos do arrependimento tardio	231
12. Sete conselhos ao impenitente	249
13. O arrependimento em toda a sua plenitude	265
14. O arrependimento e o caráter de Deus	291
15. O arrependimento no pó e na cinza	309
Bibliografia	335
Notas	339

Introdução

Talvez o pecado seja o assunto mais corriqueiro de todos os tempos. Além de ser um tema comumente em pauta, em geral, é praticado por uma extraordinária quantidade de pessoas.

Muitos pecam sem sequer temer as respectivas consequências; nem mesmo sabendo que o Deus que os criou tem o direito de ordenar toda conduta e punir todas as infrações cometidas contra a sua lei. Aparentemente, essa enorme multidão não demonstra qualquer constrangimento em sua consciência e por isso peca com abandono e deleite. Pelo visto, a natureza efêmera dos prazeres do pecado não é um conceito com o qual estejam familiarizados ou preocupados. Em vez disso, consideram a vida como algo puramente pessoal e acreditam ser livres para fazer o que lhes apraz.

O comprometimento com padrões éticos, a instrução moral e os ensinamentos religiosos são capazes de impedir algumas pessoas de desfrutar plenamente do pecado. Mesmo que a possibilidade de pecarem com regularidade exista, essas pessoas também sofrem algum tipo de repressão em sua consciência e temem sofrer as devidas consequências, especialmente se forem pegas em pecado. Por isso, é comum a tendência de colocarem um freio nas ações pecaminosas e o empenho para manter sua conduta dentro de limites que estabeleceram, nos quais se sentem confortáveis. Embora possam receber mais consideração de companheiros pecadores do que daqueles que pecam impunemente, essas pessoas talvez não estejam em nada familiarizadas com a vital doutrina bíblica do arrependimento.

Padrões morais nunca foram uniformes no decorrer da história da humanidade. É possível observar inúmeros momentos de altos e baixos. A posição ética da América colonial diferencia-se e muito da América atual. O nível de flagrantes públicos de pecado dos nossos dias dificilmente pode ser comparado à repressão moral de cinquenta anos atrás. O lugar que as Sagradas Escrituras

ocupam numa sociedade é um fator determinante para estabelecer esse aumento e queda de pecado. Quem está familiarizado com a Bíblia sabe que o pecado é um tema frequentemente abordado. Na verdade, a Bíblia é a única e maior fonte de informação vital sobre o tema pecado para ser revelado nesse mundo. Porém, por causa da perspectiva bíblica negativa a esse respeito, as Escrituras não são tão atraentes assim para uma sociedade simpatizante do pecado. Somente entre aqueles que se cansaram de seus delitos e anseiam por livramento, e durante as épocas em que a humanidade deseja por um recomeço com Deus, é que a Bíblia atinge certa popularidade.

A doutrina bíblica do arrependimento depende do fato de que todo pecado é uma grave afronta a Deus. E nenhum de nós tem o direito de ofendê-lo. Antes, devemos nos desviar de nossos pecados em arrependimento. Por isso, dificilmente poderíamos esperar que em tempos de profundo declínio moral e espiritual o mundo zelasse um pouco pela doutrina do arrependimento considerando suas afirmações negativas em relação ao pecado. Todavia, são alarmantes os tempos em que a igreja estabelecida pelo Senhor Jesus Cristo conhece tão pouco sobre o arrependimento quanto os amantes do pecado deste mundo. Tragicamente, essa é a situação dos dias de hoje. Certamente, embora a palavra *arrependimento* ainda seja encontrada em nosso vocabulário religioso, ela nada mais é que um termo tragicamente mal interpretado e negligentemente estimado.

Existem inúmeras razões para que a doutrina do arrependimento seja tão negligenciada e exerça relativamente tão pouca influência sobre a igreja e a sociedade.

Primeiro, é possível notar o pouco caso generalizado em relação à doutrina bíblica nas igrejas. É comum ouvir líderes religiosos dizendo: “Não se deve pregar doutrinas! Isso causa dissensão! O maior empecilho para o crescimento do Cristianismo nos dias atuais é a falta de unidade entre os cristãos. Tratar as doutrinas com muita importância só contribui para essa desunião.” Será que essa afirmação é mesmo válida? De fato, é verdade que pregações doutrinárias causam divisões. Pregar sobre as grandes doutrinas bíblicas provocam a separação das ovelhas dos bodes. Se a igreja excluir a pregação doutrinária cuidadosa e minuciosa, ela estará se tornando uma porção diversificada de carne e espírito que é praticamente impossível de pastorear de forma efetiva. Uma mistura de ovelhas e bodes é o pesadelo de um pastor. Além disso, o mundo não poderia crer em Cristo porque não poderia crer numa multidão diversificada que se autodenomina cristã. Não há quaisquer meios de se distinguir entre a ovelha do rebanho de Cristo e os bodes do mundo que se encontram assentados nos mesmos santuários e proclamam os mesmos jargões religiosos.

A verdade que nos causa espanto é que o maior empecilho para o crescimento do cristianismo no mundo de hoje é a ausência manifesta de Deus através da igreja. O Senhor tem padecido tão profundamente em face da recusa eclesial a proclamar fielmente todo o conselho de sua Palavra pelo poder do Espírito Santo que ele praticamente se retirou de seu meio e a deixou por conta própria. O âmago do clamor de Deus certamente é: “Voltem para mim e eu voltarei para vocês” (Mt 3.7).

Em segundo lugar, parte da igreja que ainda acredita na pregação doutrinal permitiu tornar-se seriamente negligente em relação à doutrina do arrependimento. Muitos que acreditavam de fato no arrependimento como necessário acabaram fracassando, por fim, em conceder-lhe seu devido lugar. Antes, buscaram gerar novos convertidos que não entendem nem praticam o arrependimento bíblico. Por isso, a força destas igrejas se abrandou diante de pessoas que não se arrependem nem se converteram em meio a esse rol de membros que tragicamente se denomina “cristão”. O resultado disso: uma confusão extraordinária e ineficaz.

Terceiro, as igrejas têm normalmente e de modo crescente falhado em compreender a natureza mandatória do arrependimento. Algumas parecem ter sido persuadidas a acreditar que o arrependimento é uma opção. “Alguém pode se arrepender” costumam dizer, “e talvez até devesse, mas isso, certamente, não é obrigatório.” Como consequência, multidões tem-se achegado a Cristo sem sequer se afastar de seus pecados. Por isso, tem sido cada vez mais difícil, e por que não dizer impossível, distinguir a igreja do mundo.

Em quarto lugar, outros desenvolveram o erro precedente tornando-o uma doutrina perniciososa que está sendo amplamente ensinada e pregada. Este ponto de vista, severamente equivocado, insiste na afirmação de que o arrependimento não tem nada a ver com a salvação. O arrependimento é descrito por esses falsos mestres como uma “obra”. Eles insistem em dizer que: “Não somos salvos pelas obras. Somos salvos pela fé.” O erro que cometem não está tanto em enfatizar a salvação pela fé, mas em não conseguir compreender a ligação irrevogável que sempre existiu entre arrependimento e fé. Portanto, o ápice do absurdo teológico é supor que os pecadores podem se achegar àquele que é Justo sem se desviar da própria injustiça. Na tentativa de descrever o arrependimento como uma “obra”, esses mestres são muito mais bem sucedidos em provar a própria ignorância em relação àquele que é Santo. É triste dizer, mas esse erro terrível é responsável por inúmeras perdas em grandes partes da igreja.

Em quinto lugar, o arrependimento tem sido negligenciado por causa do enfoque distorcido dado ao que se entende por positivo. Há uma noção generalizada

de que o cristianismo deve ser sempre justificado em termos positivos. Alguns ainda chegaram a dizer: “Se não houver nada de positivo para falar, não diga nada”. A fé é vista como positiva, enquanto o arrependimento, por conta desses, obviamente se enquadra na categoria do que é negativo. Agora, responda: você gostaria de levar o seu automóvel a um mecânico que sempre foi detentor de uma visão positiva e nunca seria capaz de encontrar algo de errado em seu veículo? Ou, você seria capaz de manter um médico que nunca conseguiu encontrar nada de errado em você, e sempre o tratou como alguém completamente saudável?

Em sexto lugar, a doutrina do arrependimento tem sofrido muito nas mãos do alto comprometimento da igreja com o sucesso. Uma infinidade de líderes devota todo amor e empenho em busca do sucesso ministerial. Sua tendência é escolher e extrair elementos tanto das verdades religiosas quanto da psicologia pop que mais prontamente facilitarão a realização de seus objetivos. O enfoque sobre o amor de Deus, sobre o papel da fé na felicidade humana, nos benefícios da vida holística e nos elementos promissores de uma personalidade humana bem integrada é considerado bem mais útil para a edificação de grandes igrejas do que para tropejar contra o pecado que, por sua vez, insistiria no arrependimento e nas exortações a respeito do julgamento e do inferno. Consequentemente, há uma ausência notável de qualquer ministério vital do Espírito Santo nessas igrejas. Milhões de fiéis não fazem ideia de que precisam se arrepender; pois, em sua igreja, há uma profunda carência da grande obra do Espírito em convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo vindouro (Jo 16.8-11). Quando não há praticamente nenhuma convicção, torna-se difícil se surpreender com o fato de haver tão pouca ou quase nenhuma conversão genuína. E passa-se despercebido que os portões do inferno facilmente prevalecerão contra essas igrejas.

Em sétimo lugar, existe uma trágica carência de zelo moral entre os líderes religiosos. Mesmo nas situações, em que o arrependimento é ensinado e pregado como convém, isso comumente é feito com tamanha falta de energia moral e preocupação espiritual vital que poucos realmente assimilam a urgência do mandato ao arrependimento bíblico e de uma resposta a ele.

Como Deus deve se sentir quando suas doutrinas são postas de lado? Será que ele simplesmente sorri ao constatar que vivemos numa nova era onde suas antiquadas verdades não são mais relevantes? Ou será que ele é tomado pela indignação contra todos aqueles que buscam realizar os propósitos divinos do próprio jeito em vez de seguir a orientação dele?

A Bíblia prova que Deus se opõe a todos aqueles que se desviam de seus caminhos antigos. Não temos apenas Deus chorando por sua igreja desobediente, ele também se opõe a ela e se recusa a abençoar todos que violarem a sua vontade, sua maneira de agir e sua Palavra. De forma profundamente comovente, Isaías descreve os rebeldes israelitas, dizendo: “Apesar disso, eles se revoltaram e entristeceram o seu Espírito Santo. Por isso, ele se tornou inimigo deles e lutou pessoalmente contra eles” (Is 63.10). Com frequência, ouvimos certos líderes perguntando: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” Mas você já ouviu alguém perguntar: “Se Deus é contra nós, será que importa quem é por nós?” Não se pode fazer uma pergunta indolente como esta nos dias de hoje, quando abandonamos e nos afastamos tanto de Deus que Deus se encontra lutando contra nós. Em uma longa passagem em que censura Israel por se afastar dos caminhos antigos, Deus promete trazer a desolação sobre seu povo (Jr 5.20-6.21). Como poderia haver uma catástrofe maior do que ter Deus como nosso inimigo?

Enquanto tento instigar sua consideração mais cuidadosa sobre a doutrina do arrependimento, lembro-me de duas insistentes admoestações proferidas por nosso Senhor Jesus Cristo sobre o que costumamos ouvir. Por favor, reflitam com atenção:

- Primeira admoestação: “Considerem atentamente o que vocês estão ouvindo” (Mc 4.24a).
- Segunda admoestação: “Considerem atentamente como vocês estão ouvindo” (Lc 8.18a).

Em seu contexto, ambas as passagens deixam claro que o que uma pessoa possui, o que lhe é acrescentado e o que lhe é tomado são influenciados diretamente pelo grau de cuidado em relação ao que se permite ouvir. Estes cuidados fazem cada um de nós assumir importantes responsabilidades. O que assimilamos espiritualmente pode exercer um efeito bastante dramático sobre nós. Alguns, imprudentes quanto ao que ouvem, permanecerão sentados durante anos ouvindo ensinamentos e pregações inúteis e perturbadoras; e sofrerão com as perdas de uma vida espiritual infrutífera. Enquanto isso, há aqueles que se acomodam diante de um ministério bíblico muito sólido, mas se descuidam em relação a como estão ouvindo. Isso os leva a experimentar pouco ou quase nenhum crescimento espiritual; e, na verdade, podem até mesmo perder muito do que tinham anteriormente adquirido.

Estes cuidados afetam toda a assimilação da verdade e podem ser aplicáveis em relação à leitura. Assim como existem inúmeros ouvintes bem desleixados, que nunca realmente aprenderam a prestar atenção ao que ouvem ou a como ouvem, existem leitores descuidados que não se atentam para o que leem ou como leem. Outros desperdiçam a vida lendo coisas inúteis. E ainda há aqueles que leem coisas importantes embora não façam, aparentemente, diferença duradoura em sua vida.

É mais que evidente o desejo de Deus de ter um povo pronto para ouvir. Em um dos Salmos de Asafe, lemos: “Ouça, meu povo, as minhas advertências; se tão-somente você me escutasse, ó Israel! Não tenha deus estrangeiro no seu meio; não se incline perante nenhum deus estranho. Eu sou o Senhor, o seu Deus, que o tirei da terra do Egito. Abra a sua boca, e eu o alimentarei. Mas o meu povo não quis ouvir-me; Israel não quis obedecer-me. Por isso os entreguei ao seu coração obstinado, para seguirem os seus próprios planos. Se o meu povo apenas me ouvisse, se Israel seguisse os meus caminhos, com rapidez eu subjugaria os seus inimigos e voltaria a minha mão contra os seus adversários!” (Sl 81.8-14).

Estou me lembrando, com pesar, de um jovem que adquiriu uma magnífica biblioteca de obras cristãs muito preciosas. Ele lia com avidez e gostava de discutir sobre o que havia lido. Estava se tornando um erudito em teologia cristã. Chegou a falar que Deus o havia chamado para pregar o evangelho. Mas, infelizmente, esse jovem acabou abandonando a esposa e filhos por outra mulher, e passou a viver em pecado. Podemos tirar uma amarga lição dessa história: nenhuma quantidade de aprendizado servirá para substituir a obediência. O apóstolo Tiago nos exorta sobre o perigo que podemos ser para nós mesmo: “Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência. Mas o homem que observa atentamente a lei perfeita que traz a liberdade, e persevera na prática dessa lei, não esquecendo o que ouviu mas praticando-o, será feliz naquilo que fizer” (Tg 1.23-25).

Portanto, exorto o leitor a ler este livro com o maior cuidado possível. Caso você não tenha sido uma pessoa cuidadosa sobre os assuntos espirituais ou talvez até tenha tratado a Bíblia e a doutrina cristã com superficialidade, por favor, não leve isso adiante. A doutrina que lhe é apresentada pode ter consequências extremas. Ela merece sua mais compenetrada e reflexiva consideração. Seja cauteloso para não tirar conclusões equivocadas simplesmente porque a verdade lhe é desconhecida. Pesquise sobre o que é dito. Faça uma comparação cautelosa com

a Palavra de Deus. Medite sobre isso! Discipline seu espírito! Transforme-se num fervoroso estudante da Bíblia! Seja uma pessoa consciente, que realmente examina com atenção o que estuda. Leia apoiado por uma a oração fervorosa para que você não só compreenda a doutrina do arrependimento, que o próprio Deus torna possível, mas que também descubra empiricamente tudo sobre a graça divina do arrependimento em sua experiência diária.

No entanto, previna-se contra o desejo de se orgulhar do próprio arrependimento. Algumas pessoas, tomente, estabeleceram a si mesmas como um padrão de arrependimento e passaram a olhar com desdém as demais cujo arrependimento não correspondia ao que haviam vivenciado. Quanta insensatez! Cristo é o único exemplo que devemos adotar. Ainda existem aqueles que atribuem mérito ao arrependimento como se no ato de se arrepender estivessem ganhando algum favor de Deus. Que absurdo! O arrependimento é graça que Cristo concede cujo único fim é glorificá-lo, não a nós.

Após um tempo, depois que a igreja finalmente conheceu a verdadeira importância, ela também se familiariza com a fidelidade às grandiosas doutrinas bíblicas. Não tenha dúvida, à frente de toda recuperação significativa dos lapsos que uma igreja sofreu, a doutrina do arrependimento sempre esteve entre as preciosas verdades que Deus usou e vivificou. Eu escrevi este livro, em esperança e oração, para que na graça divina o arrependimento seja resgatado como essa verdade novamente. E que possa ser uma verdade para você já, enquanto o lê.

Arrependimento é a mensagem mais oportuna e imprescindível diante da necessidade do povo de Deus nos dias de hoje. Profunda e abrangente, a mensagem do autor é apresentada de forma totalmente convincente e indispensável!

Mesmo não tendo a pretensão de se posicionar como teólogo, Roberts é um verdadeiro profeta para a nossa geração. A eficácia deste livro se revela tão renovadora quanto incrivelmente persuasiva.

Ambas são grandemente necessárias nos dias atuais! Além disso, a obra de Richard Owen Roberts envia um chamado irresistível ao coração e ministério, o que é muito oportuno.

Os imperativos da Bíblia ressoam através das páginas desse cuidadoso e abrangente estudo. Todos cristãos serão lembrados da necessidade de arrependimento, mesmo quando celebramos a alegria da nossa salvação.

R. Albert Mohler Jr., Presidente do The Southern Theological Seminary

Shedd
publicações

Literatura que edifica

